
ALTERAÇÕES QUE ESTÃO MARCANDO
AS SOCIEDADES: — A IMPORTÂNCIA
DE UMA NOVA DINÂMICA NO ENSINO

Cristina Borges Madeira

ALTERAÇÕES QUE ESTÃO MARCANDO
AS SOCIEDADES: — A IMPORTÂCIA
DE UMA NOVA DINÂMICA NO ENSINO

É uma constatação! Há alterações que se estão a verificar, que por vezes deixam estupefactos os que não apanharam ainda o ritmo e a velocidade das mudanças que, consecutivamente, rolam a todos os níveis neste findar de século.

A progressão a que a humanidade desde o pós-guerra se tinha vindo a habituar, fica muito aquém da progressão geométrica a que estamos assistindo nos últimos dois anos.

É, por conseguinte, neste princípio da década de 90 que se ausculta a indefinição de um limite da capacidade humana, e isto no que concerne às constantes transições. É de temer que estas, de tão rápidas, possam vir a constituir uma base frouxa para a cimentação de futuras mudanças, que sejam profícuas e capazes de arrostar com outras novas mudanças.

A mudança é a vida, mas o que neste momento se questiona é a «aceleração» — será que esta aceleração está adequada ao tipo de Homem que ainda hoje subsiste?

Assistimos a transições repentinas que, por diferentes razões e causas, estão a imprimir aos vários sectores da vida humana um tónus de ultra-renovação que, no enquadramento mundial, dado o crescer deste gigantismo incessante, terão de ser sabiamente orientadas para que os seus efeitos possam vir a provocar uma conexão de todos os factores. A sua consecução, quando e se se verificar, deve ser perfeitamente ajustada a toda a realidade e será, certamente, de ter em conta os mini multifactores com toda a sua complexidade.

O somatório de todo este emaranhado pode provocar um ondear que, inclinando-se mais a um lado ou a outro, poderá ter um peso considerável nesta sociedade actual que, deontologicamente, se encontra debilitada.

No presente, há que enfrentar a realidade que vivemos e procurar moldar os acontecimentos e os factos à estrutura periclitante em que continuamos assentes.

É de crer no discernimento dos homens e numa profícua conclusão do «terminus» deste segundo milénio cristão. É uma esperança mais que uma certeza!

Assim, pautando-nos pela observância duma sociedade internacional e procurando nela o seu centro, verificamos serem as Forças Armadas o núcleo à volta do qual todas as outras estruturas se equilibram.

Parafraseando um político do século XVI «Os principais alicerces de todos os Estados, novos ou velhos, são boas leis e boas armas; e porque não podem ter-se boas leis sem boas armas, e onde existem boas armas requerem-se inevitavelmente boas leis, não discutirei leis mas darei a minha atenção às armas»⁽¹⁾.

Podemos agora referir que um dos primeiros sectores a ser visado por esta mudança é, sem dúvida, o das Forças Armadas. A sua actualização e enquadramento global e, ainda, uma eficaz cooperação com vista a uma boa compreensão e profunda sensibilização de todas as matérias relacionadas com o ensino, guindaram-nas a um lugar de primeiro plano.

O opúsculo «A Defesa Nacional — uma questão de consenso entre portugueses bem formados e informados: Formação — Educação» faz-nos notar um certo paralelismo no modo como as Forças Armadas portuguesas têm vindo a desempenhar a sua política de defesa e, concomitantemente, de ensino.

Como prova, cito algumas passagens da conferência de Andrée Tournée, que demonstra serem similares a actuação e atitudes das nossas Forças Armadas com as da França, naturalmente exceptuando algumas disposições pontuais que se tornam concludentes das suas diferenças.

«L'établissement de relations régulières entre les partenaires de l'acte éducatif et ceux de la défense.»

«Améliorer l'échange et la circulation de l'information (...)»

«Élaborer en commun des documents pédagogiques (...)»

Por seu turno Paul Valéry escrevia:

«Mettons ce que nous avons de meilleur en commun, enrichissons-nous de nos mutuelles différences.»

Verificamos, portanto, tentar-se cada vez mais estabelecer uma permuta mais generalizada no sentido da elaboração de um novo programa,

(1) MAQUIVEL («O Príncipe», 1513).

que poderá compreender e agregar as principais conjunturas geopolíticas do mundo e suas repercussões.

Em consequência, devem analisar-se e estudar-se em conjunto os grandes problemas que são: a demografia; as religiões; as ideologias; os recursos naturais; as trocas comerciais e financeiras.

Também se deve fazer um estudo minucioso dos países que se aproximam em determinadas vertentes e se distanciam noutras, como os Estados Unidos e a URSS, os países da Europa e os do Terceiro Mundo.

E, ainda, requerem especial atenção as estratégias indirectas, que são centros de tensão e que, como tal, podem estar, genericamente, na origem de muitos conflitos em curso.

Presentemente, os conhecimentos são transmitidos utilizando multiformas pedagógicas: conferências, apresentações audiovisuais com novas técnicas muito aperfeiçoadas, comentários e debates, mesas-redondas, visitas de estudo, etc.

Foi Jackson que em 1968 encarou basicamente a democratização escolar e muitas das implicações de toda uma sociedade em mudança no pós-guerra; estudou as consequências verificadas num contexto social actual que serviu como paradigma ao desenvolvimento da análise da sociologia escolar. Jackson fez despoletar todos os estudos que já foram feitos e se continuarão a fazer.

Esta sociedade de hoje tem de confrontar-se com a época em que vivemos e ajustar-se rapidamente com a argúcia necessária a toda esta realidade de «mudanças».

Sabemos, também, que o ensino é um dos primordiais pilares do seu sustém. Portanto, uma das premissas que teremos de enfrentar é a da sua remodelação, não só no que respeita aos diversos níveis de ensino como, também, num plano mais profundo, à mudança dos próprios níveis. Foi depois do pós-guerra que se aclarou e procurou equacionar toda esta problematização, cujas críticas, ao nível macro-social, puseram em evidência a escola como crivo de um inegável sistema elitista que reproduzia os «cérebros valorosos», que coincidiam com os interesses económicos dominantes.

Por outro lado, começa a delinear-se uma outra vertente que irá pôr a nu o desfasamento existente entre a «utopia» educativa, a nível macro-social, e os seus resultados sociais visíveis.

É, por conseguinte, nesta senda que procuramos os fracassos desta constatação e eles encontram-se, principalmente:

- Na desigualdade social.
- No bloqueio e descoordenação de grande parte dos educandos.
- Numa triagem de valores através de cujos mecanismos muitos deles irão sucumbir.
- Numa desarmonização familiar (abrangendo aqui todas as classes sociais) que se vai repercutir no aproveitamento escolar.

Como é óbvio, tem-se procurado desenvolver um processo de remediação ao socorrermos-nos da evolução das ciências sociais.

A Psicologia tem dado um largo contributo, o qual se vai alargando, cada vez mais, na medida em que esta ciência também está tomando uma muito mais ampla dimensão, que se estende desde a compreensão e descrição de todo o processo genético à caracterização de insuficiências, pesquisa sobre os meios de compensação e, ainda, a outros vectores inerentes a determinados aspectos bem específicos desta ciência.

Um dos factores que se reveste de importância e que tem sido objecto de uma análise desinibida, dentro deste contexto actual, é o conhecimento preciso sobre o lugar e o papel do professor.

Circunscrevendo-nos ao caso português, observa-se que as nossas crianças, antes da década de 60, eram educadas, principalmente, pelas famílias; a escola representava uma parcela bem mais diminuta antes desta década. A inserção na vida activa fazia-se através da família.

Ora, esta situação cada vez se tem alterado mais e mais por transformações já bem detectadas, tais como a emigração e a deslocação de grande número de famílias rurais para meios citadinos, onde os bairros limítrofes, apelidados de «dormitórios», albergam as famílias que se transferiram, proporcionando assim a «avalanche» de situações que cada vez tendem a avolumar-se em quantidades incontroláveis.

É na escola que, segundo Michael Rutter, a criança desenvolve a sua actividade social. Por outro lado, o prolongamento da escolaridade obrigatória, as crescentes exigências profissionais e a ameaça de desemprego, fazem com que a escola seja frequentada durante cada vez mais tempo, aproximadamente 15 000 horas (6.º ano de escolaridade obrigatória). É, portanto, improrrogável e compreensível que é à escola que cabe

desenvolver nas crianças a sua formação moral mas, por muitas circunstâncias, esta passa a ter uma base bastante heterogénea. Quem irá servir de modelo a uma criança cuja personalidade se encontra em «formação»? — Serão certamente professores com uma educação e índole das mais diversas que irão inculcar-lhes, teoricamente, maneiras de estar que, por vezes, se opõem frontalmente ao caris educativo e moral que é praticado e imposto na família.

Surge, facilmente, um estado confusional que, como é inevitável, ocasiona perturbações das mais variadas espécies.

Estas crianças ficam, assim, um tanto à deriva e entregues ao acaso no seu desenvolvimento psicológico.

A sua educação fica perdida num turbilhão de circunstâncias. Por isso poder-se-á, a partir de agora, falar duma «não educação», e esta marcada por muitas vertentes, mas quase todas indeléveis e todas e sempre por falta de tempo dos adultos a quem compete, afinal, educar. Por vezes é a rua e os companheiros mais velhos que são os modelos, os quais, na generalidade, são, também eles, guiados por marcos muito pouco aconselháveis, reportando-nos aos padrões ainda hoje vigentes.

As famílias, embora pretendam educar as suas crianças dentro dos seus moldes morais, não o podem fazer e isto por uma principal razão, aquela essencial, de que já se falou: «o pouco tempo» de que dispõem. Mas, como todos sabemos, «o tempo passado numa tarefa é, até hoje, a variável que maior correlação apresenta com qualquer aprendizagem».

Alcançamos, assim, uma das partes mais recônditas de muitas das mudanças verificadas na nossa sociedade. Sem dúvida que esta alterou grande parte dos seus valores e assimilou outros, assentes e apreendidos em circunstâncias diferentes, tendo-se modificado a base da educação juvenil por um «roulement» de muitos objectivos que vêm alterar esses valores através de factos e pressupostos novos, que se crê serem agora os adequados às circunstâncias actuais. As mudanças tornam-se, pois, indispensáveis e sábias! Os contributos para as mudanças devem vir atempadamente e, também, concernentes ao contexto onde se irão integrar, atento um útil desenvolvimento pessoal e um adequado enquadramento institucional que deverá ser o primeiro a propiciar essas mudanças.

As tarefas do professor de hoje são muito mais amplas! O professor possui a incumbência não só de ensinar mas, também, de assumir outras funções

de carácter pedagógico e social, determinadas por factores que marcam as mudanças de ordem social e outras no âmbito do sistema educativo.

Nesta sociedade em mudança exige-se ao professor que a sua disponibilidade seja dirigida, não só para o campo tradicional do ensino mas também alargado ao campo da versatilidade e da multiplicidade de competências, desde os aspectos culturais e científicos até à compreensão de problemas de ordem afectiva e outros de cariz psicológico, respeitantes ao foro da camada estudantil, os quais, salvo algumas excepções, se reprojectam e redimensionam das famílias para as suas crianças e jovens.

A missão do professor abrange, ainda, toda uma dinâmica educativa, cuja proposta ultrapassa a simples acção da docência, para se integrar num espaço bem mais vasto de uma grande dádiva pessoal e de uma participação e colaboração com outras ciências afins e hoje interligadas ao ensino.

O professor, embora não seja especialista no domínio destas outras ciências, terá de ter os conhecimentos mínimos para saber o momento em que os seus alunos precisam do auxílio ou apoio de outras competências, agora já convenientemente demonstrado o seu interesse e imprescindibilidade para o bom êxito de uma cabal educação e aprendizagem.

As mudanças tornam-se, portanto, mais rápidas e inevitáveis!

Mais uma vez se questiona: como está alargada à generalidade das «massas» uma já substancial fatia da sociedade do jovem adulto de hoje? Nasceram outros valores — ou pseudovalores — ainda poucos clarificados. Formaram-se, e não se conhecem ainda, convenientemente, a sua força e perseverança, num mundo que os permite e os deixa proliferar.

Os meios de comunicação social informam apenas o grande público da ascensão e incremento que aqueles valores vão conseguindo adquirir junto das populações escolares e dos jovens adultos. É um fenómeno social actual a grave angariação de cada vez mais adeptos na senda de uma felicidade fortuita, através de alucinogéneos e das mais variadas drogas, umas em alguns países já despenalizadas e, portanto, consentidas. Contudo, todas, médica e cientificamente, são reconhecidas como altamente perniciosas à saúde física e mental dos indivíduos. Apesar disto, para as drogas mais fracas e de efeitos menos nocivos, tende-se, algumas vezes, a estabelecer um paralelo com outro mal, embora menor — o tabaco —, levantando-se a hipótese, comparativamente, da sua fraca perniciosidade. O facto é que grande número de relatórios médicos demonstram as perturbações psico-

lógicas que causam, e referimo-nos, neste caso especial, ao «haxixe» e outras drogas de nível equiparado.

Portugal, ao fazer a sua integração na CEE, vem sofrendo modificações nos padrões porque usualmente se regia em muitos domínios que determinavam os «nossos» vários sectores sociais.

Ora esta mudança, embora se tenha vindo a organizar com cuidado e se esteja a fazer de uma forma planificada e sob um determinado controlo, não deixa de ser uma alteração profunda e, portanto, existe sempre a necessidade de uma adequação a situações que se depararão inéditas para o quotidiano actual.

Ao utilizar determinados dados analíticos, constantes do «Dossier CEE — Impacto da Integração Europeia sobre o Sistema Educativo Português» — tais como: A curva de Lorenz e o Coeficiente de Gini, verificamos que, no plano da educação⁽²⁾, se pode concluir que, recorrendo ao método da estatística «Significância da diferença dos desvios padrões», não se detectam grandes disparidades, entre a antiga Europa a 3 e a actual Europa a 12, com uma única excepção para o indicador «percentagem de alunos no ensino secundário».

Fazendo agora a comparação do par Europa 3 e Europa 9, as disparidades aparecem em todos os indicadores compulsados.

Deste modo, poder-se-ão tirar as seguintes ilações:

- Existe uma grande heterogeneidade entre os grupos acima indicados da Comunidade Europeia, sendo interessante notar que as diferenças são maiores no que concerne à Europa dos 9 relativamente à Europa dos 3;
- Também se pode constatar que as disparidades entre a Europa dos 9 e a dos 12 são mais atenuadas. Objectivamente, no que respeita ao ensino, há que mencionar que, com o alargamento a 12 membros da CEE, alguns indicadores sofreram alterações significativas, registando-se uma influência benéfica e positiva nos países que aderiram mais recentemente: Grécia, Portugal e Espanha (Eur. 3).

Cabe, portanto, a todos os estudiosos destas matérias e em especial aos professores debruçarem-se sobre esta problemática e orientarem a

(2) Eur. 3 — Grécia, Espanha e Portugal.

Eur. 9 — Restantes países da CEE (Eur. 12 — Eur. 3).

Eur. 12 — Eur. 3 + Eur. 9.

educação, tal como Delfim Santos acreditava: «... Auxiliar a descobrir o homem e os seus valores ao próprio homem.»

Algumas asserções têm sido expostas e debatidas por docentes e outros interessados, tendendo-se, actualmente, para uma flexibilização da educação com escolas paralelas, educação recorrente e outras alternâncias.

Creio ser este, ainda, um campo de experiência que terá de ter em conta a vivência acelerada desta época e cujo enquadramento se deverá cingir às necessidades e adequações consentâneas com a nossa estrutura social.

Cristina Borges Madeira

Licenciada em História e Estudos Sociais
Prof.ª do Ensino Secundário

BIBLIOGRAFIA

- *Sociologie de l'école: pour une analyse de l'établissement scolaire*. — Dunod, 1981.
- Goble, N. et Porter, J. — *L'évolution du rôle du maître: perspectives internationales*. UNESCO, 1977.
- Huberman, M. — «Les phases de la carrière enseignante: un essai de description et de prévision». In: *Revue Française de Pédagogie*, n.º 86, Jan./Fev./Março, 1989.
- Cf. K. Lewin, *Psychologie Dynamique* (4.ª edição), 1972.
- «Cahiers Pédagogiques — Pédagogie Institutionnelle». Junho, 1980.
- *Id.* — *The Sociology of the School Curriculum*. Londres, Routledge and Kegan Paul, 1980.
- «A Dimensão Europeia dos Estudos» — Maria de Fátima Ramos.
- «Políticas Comunitárias em Matéria de Educação e Vida Activa: — A Problemática da Formação e do Emprego — Aspectos do Caso Português» — João Fazenda.
- «O Desenvolvimento do Ensino Superior Português no Contexto da Integração Europeia: — Uma Abordagem Estrutural» — Luís Tibúrcio.
- «A Educação Permanente na Perspectiva da Integração Europeia: Conceito e Questões Fundamentais — Reflexões sobre o Caso Português» — Adelaide Rocha.
- «Impacto da Integração Europeia sobre o Sistema Educativo Português: Análise Estatística de Alguns Indicadores» — Ana Maria Calado.
- «Lei de Bases do Sistema Educativo: Apresentação e Comentários» — Eurico Lemos Pires.
- «A Defesa Nacional — Uma Questão de Consenso Entre Portugueses bem Formados e Informados: Formação — Educação».
- Conferência proferida no IDN em 12 de Outubro de 1988, pela Senhora Andréa Tournée, General do Exército Francês.
- Curso de Defesa Nacional 1986 — IDN.
- «Escola, Sociedade, Que Relação?» — IDN.
- «Os Aprendiz de Pigmaleão: Ensino sobre a Formação de Professores e Alunos em Democracia» — Maria Emília Brederode Santos.